

AMICUS PLATO MAGIS AMICA VERITAS

Heloísa Vilhena de Araújo*

RESUMO

O presente artigo tenta determinar de que forma Guimarães Rosa recebeu, criticou e transformou o pensamento de Platão, conforme alusões ao filósofo, encontradas no primeiro prefácio e nos contos de **Tutaméia**.

Verifica-se que Guimarães Rosa critica justamente o núcleo central do platonismo, isto é, a teoria das idéias – tal como apresentada, miticamente, no relato do Mito da Caverna, no livro VII da **República** – e o que dela decorre, a concepção platônica do ser e do não-ser. Esta concepção leva, por sua vez, à questão da verdade e do erro, da realidade e da falsidade. Guimarães Rosa baseia-se, para sua crítica, em Protágoras, sofista do século V a.C., e em Aristóteles, discípulo, por mais de vinte anos, de Platão. Nesse sentido, o artigo examina a teoria do erro e do falso em Protágoras, conforme citada no diálogo de Platão, **Eutidemo**, e passa em revista o mesmo tema, no próprio Platão, como surge no diálogo **Sofista**. Examina, igualmente, a crítica que Aristóteles faz à teoria das idéias, do modo como surge, principalmente, na sua **Ética a Nicômaco**.

A partir da determinação desta base teórica, o artigo analisa o conto “Uai, eu?”, de **Tutaméia**, que contém uma pormenorizada e profunda meditação sobre o ser e o não-ser, sobre o erro e a verdade, sobre o real e a imitação, sobre a realidade e a aparência.

*A frase, “amicus Plato magis amica veritas”, com essas precisas palavras, pode ser traçada, de maneira direta, somente até a alta Idade Média, mas retroage, em última instância, aos biógrafos de Aristóteles. Pode-se dizer que estes últimos, por sua vez, basearam-se no trecho do livro I da **Ética a Nicômaco**, em que Aristóteles, ao introduzir sua crítica da idéia do Bem em Platão, diz algo bastante parecido. (Gadamer, 1980, p. 194)*

Na verdade, o trecho da **Ética a Nicômaco**, a que alude Gadamer, diz:

Mas, talvez seja desejável examinar a noção de um Bem Universal e rever as dificuldades que ela acarreta, apesar de tal investigação ir contra nossa inclinação por causa da amizade que dedicamos aos autores da Teoria das Idéias. Entretanto, apesar disso, pareceria desejável e mesmo obrigatório, especialmente para um filósofo, sacrificar até mesmo seus laços pessoais mais íntimos na defesa da verdade. Ambos nos são caros, mas é nosso dever preferir a verdade. (I, vi, i)

* Chefe da Assessoria Internacional do Ministério da Educação e do Desporto.

O trecho citado, de Aristóteles, e a frase de seus biógrafos, que nele se baseia, aludem, portanto, à teoria platônica das Idéias. Aludem, especialmente, à noção do Bem.

Guimarães Rosa, no prefácio *Aletria e Hermenêutica*, do seu livro *Tutaméia*, refere-se ao *Mito da Caverna*, que se encontra no livro VII de *A República de Platão*:

A vida também é para ser lida. Não literalmente, mas em seu supra-senso. E a gente, por enquanto, só a lê por tortas linhas. Está-se a achar que se ri. Veja-se Platão, que nos dá o 'Mito da Caverna'. (p. 4)

É, justamente, com este mito que Platão ilustra sua teoria das idéias. Guimarães Rosa, portanto, na citação acima, parece considerar positivamente esta teoria: a necessidade de ir além do sentido imediato, dos dados sensíveis, para atingir o “supra-senso”, o inteligível. Para Platão, os sentidos nos fornecem imagens ilusórias, e o verdadeiro conhecimento está no âmbito do inteligível, da idéias.

Assim, mais adiante, no mesmo prefácio, Guimarães Rosa introduz a frase dos biógrafos de Aristóteles, ainda em relação à teoria platônica das idéias, mas, agora, mais diretamente no que diz respeito ao erro, à ilusão – o que levanta o problema do ser e do não-ser, da verdade e da ilusão:

*Tudo portanto, o que em compensação vale é que as coisas não são em si tão simples, se bem que ilusórias. “O erro não existe: pois que enganar-se seria pensar ou dizer o que não é, isto é: não pensar nada, não dizer nada” – proclama genial Protágoras; nisto, Platão é do contra, querendo que o erro seja coisa positiva; aqui, porém, **sejamos amigos de Platão, mas ainda mais amigos da verdade**; pela qual, aliás diga-se, luta-se ainda e muito, no pensamento grego. (p. 7-8) (grifo meu)*

Sendo o *Mito da Caverna*, como se disse, a ilustração mítica da teoria das idéias em Platão, o fato de que Guimarães Rosa tenha aproximado, num mesmo prefácio, alusões à mencionada teoria platônica e à sua crítica por Aristóteles, indicaria que ele próprio aprova, até certo ponto, a posição do Estagirita no que se refere às idéias e, em especial, à idéia do Bem. Por outro lado, prefere Protágoras a Platão no tocante à questão do erro.

O platonismo de Guimarães Rosa é, assim, matizado, nesse prefácio de *Tutaméia*. Mais do que isso: o pensamento platônico é aqui não só matizado, mas criticado no que tem de central: a teoria das idéias e do erro – do ser e do não-ser. Guimarães Rosa baseia-se, para tanto, em Protágoras, sofista do século V a. C., e em Aristóteles, discípulo, por mais de vinte anos, de Platão.

É curioso notar, a propósito, que, além da crítica a Platão, Guimarães Rosa, introduz, igualmente em *Tutaméia*, crítica a Aristóteles. No conto “Desenredo”, Jó Joaquim, apaixonado, é, de início, platônico: “queria apenas os arquétipos, platonizava” (p. 39). Assim, queria atingir os arquétipos, os modelos, a “idéia inata” (p. 39).

Queria deixar para trás o mundo do vir-a-ser, do tempo, para atingir a idéia, a eternidade, o amor eterno. Mas, no decorrer do conto, verifica-se que Jó Joaquim é, também, “amatemático, contrário ao público pensamento e à lógica, desde que Aristóteles a fundou” (p. 40). Sabe-se que a teoria platônica das idéias baseia-se numa abordagem matemática da realidade, herdada da escola de Pitágoras. Por outro lado, como se sabe, Aristóteles inaugurou com seus escritos lógicos, a ordenação conceitual do pensamento. Desta forma, Jó Joaquim, “amatemático”, matiza seu platonismo e, também, contrário “à lógica”, afasta uma das facetas do pensamento de Aristóteles.

I

É, entretanto, no conto de **Tutaméia** – “Uai, eu?” –, que Guimarães Rosa trata, mais de perto, da questão da teoria das idéias e do problema filosófico que esta teoria levanta: o problema da separação (*chorismos*) das idéias e, conseqüentemente, da participação (*methexis*) dos entes individuais nas idéias.

O fato de que as idéias existam separadas, em si, como *arquétipos*, traz o problema de saber como ligá-las aos entes que se agrupam sob elas, que são suas *cópias*: como os cavalos individuais se relacionam à idéia do cavalo.

As idéias – o que realmente existe –, em sua separação, são imutáveis. Nessa sua imutabilidade, permitem o conhecimento (*episteme*). Para o filósofo, o âmbito da geração e da corrupção, o âmbito do vir-a-ser, não permite, ao contrário, o conhecimento, mas somente a opinião (*doxa*), que pode ser certa ou errada. Há, assim, uma separação nítida entre o âmbito das idéias – do imutável, do eterno – e aquele dos entes individuais, sujeitos à lei do tempo, do nascimento e morte, das transformações. Se as idéias, imutáveis, são o que realmente existe na plenitude de seu ser, são elas que conferem ser, existência e consistência aos entes, que são suas cópias. Estes, em sua mutabilidade, só adquirem um mínimo de existência por participação nas idéias. Nessas circunstâncias, Platão, em busca de conhecimento verdadeiro, vira-se para os *logoi*, para o âmbito das idéias (**Fedão**, 99 E). Abandona os entes em benefício do ser. É esse processo de orientação para os *logoi*, para o inteligível, e de abandono dos entes, do sensível, que está descrito, sob forma de mito, no *Mito da Caverna*:

Imagine homens vivendo numa espécie de caverna subterrânea, com uma longa entrada aberta para a luz em toda sua extensão. Conceba-os como tendo as pernas e os pescoços aferrolhados desde a infância, de tal modo que se mantêm no mesmo lugar e são capazes somente de olhar para a frente, impedidos pelos grilhões de virar a cabeça. Imagine, ainda, a luz de um fogo colocado à distância, acima e atrás deles e, entre o fogo e os prisioneiros, mais alta do que eles, uma passagem ao longo da qual um muro baixo foi construído, como aqueles atrás dos quais se escondem os exibidores de marionetes. (...) Veja também homens que carregam, acima do muro, todo tipo de implementos e imagens de homens e formas de animais, feitas em pedra e madeira e todo tipo de ma-

terial, enquanto que alguns deles falam e outros mantêm-se silenciosos". "Você fala de uma estranha imagem", disse ele, "e de estranhos prisioneiros". "Como nós", disse eu; "pois, para começar, diga-me se você crê que esses homens teriam visto algo de si mesmos ou um do outro a não ser as sombras lançadas pelo fogo no muro da caverna que está diante deles?". (A República, VII, 514 AB, 515 A)

(...)

"Assim, de todo modo, tais prisioneiros creriam ser realidade as sombras dos objetos artificiais". "Inevitavelmente", ele disse. "Considere, então, como seria sua libertação dessas cadeias e sua cura dessa loucura, se, no decurso natural, algo deste tipo acontecesse a eles: quando um deles fosse libertado de seus grilhões e compelido a levantar-se subitamente, a virar a cabeça, a andar e elevar seus olhos para a luz, e, ao fazer isso, sentisse dor e, por causa do brilho da luz fosse incapaz de discernir os objetos cujas sombras ele vira antes, o que você pensa que seria sua resposta se alguém dissesse a ele que o que vira antes era ilusão, mas que, agora, estando mais perto da realidade e orientado para as coisas mais reais, ele via mais verdadeiramente". (VII, 515 CD)

Uma vez saído da caverna, abandonada a luz artificial e alcançada a luz do sol, o prisioneiro teria que se acostumar a ver, primeiro, o reflexo das coisas nas águas, depois, as coisas em si mesmas e, finalmente, a própria luz do sol. O sol é a figuração mítica da idéia do Bem. Está além das outras idéias e é a iluminação intelectual que introduz a possibilidade de conhecimento e de verdade.

Esta imagem, portanto, caro Glauco, devemos aplicar a tudo o que foi dito, assemelhando a região revelada pela vista à prisão e a luz do fogo nela contida ao poder do sol. E se você admite que a subida e a contemplação das coisas do alto é a ascensão da alma à região inteligível, não deixará passar minha conjectura. Pois é isso que você deseja ouvir. Mas Deus sabe se falo a verdade. Entretanto, de todo modo, meu sonho, como me aparece, é que na região do conhecimento a última coisa a ser vista e, mesmo, dificilmente, é a idéia do bem, e, quando vista, deve apontar-nos a conclusão de que ele é, na verdade, a causa, no que se refere a todas as coisas, de tudo o que é justo e belo, dando origem à luz no mundo visível, sendo o autor da luz e dele mesmo no mundo inteligível, e sendo a fonte autêntica da verdade e da razão, de que todo aquele que deve agir sabiamente, em privado ou em público, deve ter tido uma visão. (A República, VII, 517 ABC)

Ao criticar, em seus escritos éticos, em especial na **Ética a Nicômaco** (I, vi), a idéia do Bem, isolada em sua existência separada, Aristóteles refere-se, justamente, ao problema do *chorismos* e da conseqüente necessidade de determinar como se daria a participação dos entes nas idéias, como os arquétipos se ligariam a suas cópias.

Deixemos de lado o problema de saber se Aristóteles entendeu corretamente a teoria platônica ou não, ao assimilar o Bem às outras idéias. (Gadamer, 1986). Para ele, o que interessa não é, propriamente, a idéia do Bem, mas o Bem enquanto surge nos seres individuais. Dessa maneira, evita o problema de ter que, após uma separação, estabelecer o modo como se daria uma participação desses seres nas idéias. Ao contrário de Platão, a idéia, para Aristóteles, não é um existente separado, mas sim a forma que surge nos entes individuais, abstraída pelo pensamento para formar

um universal. O interesse de Aristóteles é, nessas condições, o Bem prático.

O Bem, que surgia em Platão como Bem em geral, como um universal, que existia separado das coisas boas, é restringido, em Aristóteles, para referir-se a um Bem específico, prático, ao bem que orienta uma ação, destinada a alcançá-lo, ao Bem “informado” (*enhyllon*) nos seres individuais. Ao contrário do Bem de Platão, que se situa no âmbito de uma teoria do conhecimento, da contemplação da verdade, o Bem de Aristóteles situa-se no âmbito da ação correta, da ética.

II

No conto – “Uai, eu?”, Jimirulino depara-se, como se disse, justamente com o problema da participação: com o problema da ligação entre as idéias e os entes. Depara-se com o problema ético: como transpor a idéia do Bem para a vida real, para a prática, evitando a possibilidade de erro que se encontra no âmbito das coisas sensíveis. O conto introduz-nos na vida de Jimirulino, ajudante de um médico de roça, como Guimarães Rosa:¹ o Doutor Mimoso.

O narrador do conto é Jimirulino, que conversa com um interlocutor silencioso. Aparentemente, este último é um advogado, e o narrador está preso. Por isso diz: “Se o assunto é meu e seu, lhe digo, lhe conto; que vale enterrar minhocas?” (p. 177). O assunto é um crime e é, assim, assunto tanto do criminoso, do narrador, quanto do seu advogado, do interlocutor. É um assunto comum aos dois. E suspeitamos mesmo que, além dessa comunidade evidente em torno de uma ação criminosa, está uma outra comunidade que une o criminoso e o advogado, um outro terreno comum que ambos trilham: a procura da verdade. Como um laço mais profundo que os une, estaria a busca da verdade sobre o que acontecera, sobre a responsabilidade pelo crime.

O narrador conta ao advogado sua vida como ajudante do Doutor Mimoso, homem, no seu entender, inteligente, bom e justo:

Inteiro na fama – olh’ alegre, justo, inteligentudo – de calibre de quilate de caráter. Bom até-onde-que, bom como coberto; lençol e colcha, bom mesmo quando com dor-de-cabeça: bom feito mingau adoçado. Versando chefe os solertes preceitos. Ordem, por fora; paciência por dentro. Muito mediante fortes cálculos, imaginado de ladino, só se diga. (p. 177)

O Doutor Mimoso proseava com ele quando saíam para ver os pacientes, orientando-o: “me alentando, cabidamente, por norsteação”. (p. 177)

¹ Em carta de 25 de fevereiro de 1964 a seu tradutor italiano, Edoardo Bizzarri, Guimarães Rosa relaciona seus dados biográficos, entre eles: “De 1931 a 1933, foi ‘médico de roça’, clinicando em outro arraial do interno, Itaguara (hoje, cidade), na zona Oeste de Minas Gerais”. (Guimarães Rosa, 1981, p. 97)

Aquela conversa me dava muitos arredores. O homem! Inteligente como agulha e linha, feito pulga no escuro, como dinheiro não gastado. Atilado todo em sagacidades e finuras – é de fimplus! de tintínibus... – latim, o senhor sabe, aperfeiçoa... (p. 177)

Além de inteligente e bom, era, como se disse, justo: “Homem justo – de medidinhos de termômetro, feito sal e alho no de comer, feito perdão depois de repressão”. (p. 177)

Com ele, o narrador queria aprender:

Mesmo ele me dizendo, de aliás: – “Jimirulino, a gente deve ser: bom, inteligente e justo... para não fincar o pé em lamas moles...” Isso! Aprender com ele eu querendo ardentemente: compaixões, razões partes, raposartes... Ele, a cachola; eu, a cachimônia. (p. 178)

O Doutor Mimoso é o ideal que Jimirulino quer atingir. Com ele quer aprender a Virtude: a Justiça, o Bem, a Inteligência. O Bem é virtude no âmbito da conduta moral; a Inteligência o é no âmbito da atividade intelectual; e a Justiça é aquela que harmoniza, como se sabe, as virtudes morais e intelectuais. A Justiça é que faz a ponte entre intelecto e ação, entre idéia e ente individual.

O Doutor Mimoso andava desarmado, “a não ser as antes idéias” (p. 178). O narrador, por outro lado, “a prumo. Mais meu revólver e o fino punhal” (p. 178). Um, armado intelectualmente, com idéias, o outro, fisicamente, com revólver e punhal. Mas os dois parecem ser o mesmo, parecem ser as duas metades contrárias de um todo, pois “cachola” e “cachimônia” são a mesma coisa: cabeça, pensamento, bestunto. Um, aparentemente no âmbito das idéias; o outro, no âmbito da ação, da conduta prática.

Mas o Doutor Mimoso se sombreava. Tinha inimigos: “os que a gente não quer, mas faz” (p. 178). Eram três: o Chico Rebuque, o Chochó e o que mandava, o seo Sá Andrades Paiva.

Doutor Mimoso abria os olhos para os óculos, não querendo ver o mal nem o perigo. Inteligente, justo e bom! – muito leve no caso. (...)

Aquelas montanhas de idéias e o capim debaixo das vacas.

– “Jimirulino, o que esses são: são é meliantes...” – muito me dizendo, ele, de uso de suspiro – “... pobres ignorantes... quem menos sabe do sapato, é a sola...” Alheava os olhos, cheio de bondades. Assim, não gastava a calma, regente de tudo – do freio à espora. Eu: duro, firme, de lei – pau de ipê, canela-do-brejo. Eu estava à obediência, com a cabeça destampada. (p. 178)

Moderado, o Doutor Mimoso instrui Jimirulino a esperar a lei, pois “Deus executa!” (p. 178). Mas acrescenta:

Daí, já em desdiferenças, ele veio: – “Deixa, Jimirulino...” – se a melhor luz faz o norte. – “Deixa. Um dia eles pela frente topam algum fiel homem valente... e, com re-

cibos, pagam...” afirmador, feito no florear com a lanceta. Disse, mas de enfim; tendo meigos cuidados com o cavalo. Que inteligência! (p.179)

Jimirulino pega, no ar, o que pensa ser a idéia – “aquelas montanhas de idéias” (p. 178) – que o Doutor Mimoso queria passar de modo indireto, oblíquo, sem falar abertamente, “só sutilezas, nos estilos da conversação” (p. 178). Pega no ar o que pode ser, na verdade, a idéia que o Doutor Mimoso queria, encobertamente, inculcar nele.

O texto do conto é ambíguo e dificulta, a meu ver, a uma primeira leitura, concluir se houve ou não intenção encoberta do Doutor Mimoso de induzir Jimirulino à ação, falando “imaginado de ladino”, “atulado todo em sagacidades e finuras” (p. 177), “no florear da lanceta” (p. 179). Surge, aqui, uma dificuldade na busca da verdade do texto. Esta dificuldade, ao que tudo indica, irmana o leitor ao narrador e ao seu interlocutor: tanto Jimirulino, quanto o advogado e o leitor do conto unem-se na busca da verdade. O leitor é atraído para o campo dessa busca.

Parece, entretanto, ter havido realmente premeditação por parte do patrão, que, conhecendo bem seu ajudante – não acostumado a refletir e sempre pronto a agir impulsivamente – utiliza “raposartes” (p. 178), com uma conversa que “dava muitos arredores” (p. 177), apresentando “uma montanha de idéias” (p. 178). Assim, tendo escutado as palavras ambíguas do doutor, Jimirulino conclui, num salto, que ele mesmo era esse homem fiel e valente de que falara o patrão – “duro, firme de lei” (p. 178): “Respirei respiração, entanto que para ásperas coisas, entre o pinote e o pensamento enfim clareado. O mais era fé e brinquedo. Eu estava na água da hora beber onça... Me espremi para limonadas” (p. 179). Com essa conclusão precipitada, em que aplica as idéias de fidelidade e valentia a si mesmo, Jimirulino sai, encontra os três inimigos do Doutor Mimoso, abate-os a tiros e é preso. “A abreviar com aqueles três juntos – de oh-glórias! numa égua baia clara. E cheguei. Me perfiz, eu urgenciava”. (p. 179)

Não soubera esperar e refletir – “urgenciava” –, não tivera paciência para distinguir corretamente a intenção das palavras do patrão: comera “banana e casca” (p. 179), sem distinção. Enquanto o Doutor Mimoso era o homem das idéias, falando teoricamente, fazendo as distinções categóricas, ele era o homem da ação, irrefletido, que ainda não aprendera a distinguir, não aprendera a verdadeira *sofrosyne*, a inteligência prática, tudo transpondo imediatamente em termos concretos. O bem, por exemplo, é visto concretamente por Jimirulino como “cobertor, lençol e colcha”; a inteligência, como “agulha e linha”; a justiça, como “medidinhos de termômetro”.

Depois de preso por seu crime, impedido, portanto, de agir irrefletidamente, encontrara “folga, de pensar, estes lazeres, o gosto de segunda metade” (p. 179). Encontrara a possibilidade de completar sua primeira metade, a ação, com a aquisição da segunda, a do Doutor Mimoso: a do pensamento. E, desta vez, conclui com acerto:

Acho que achei o erro, que tive: de querer aprender demais depressa, no sofreguido. Inda hei porém de ser inteligente, bom e justo: meu patrão por cópia de imagem. Hei de trabalhar para o Doutor Mimoso. (p. 179)

Refletindo, durante os anos “invisíveis” (p. 179) que estava passando na prisão, no manejo invisível das idéias, o narrador atina com seu erro: o de não ter refletido, o de não ter compreendido o reino invisível das idéias – do ser e do não-ser –, e sua ligação com o âmbito do sensível, o de não ter reconhecido o não-ser no Doutor Mimoso. O doutor surgia como bom, justo e inteligente, mas, no fundo, era só uma aparência, uma ilusão, um não-ser. Atina com seu erro: o de não ter interpretado bem. Falhara em hermenêutica. Não pensara. Na verdade, o erro fora ter pensado nada, como “proclama, genial, Protágoras” (**Aletria e Hermenêutica**, p. 8). Seu engano é, como ele mesmo diz ao advogado no início de seu relato, “sem desengano” (p. 177), pois, aparentemente, não houvera na verdade engano, tendo em conta que, na realidade, cumprira corretamente a ordem velada de matar, contida nas palavras ambíguas do Doutor Mimoso. Obedecera e acertara sem saber. Seu engano fora simplesmente não saber, ignorar – fazer uma coisa, pensando que fazia outra. Não distinguira corretamente entre coisas diferentes.

A diferença é, para Platão, o que caracteriza o não-ser: uma rosa não é um cravo. Quando alguém toma uma rosa por um cravo, erra. Toma um ser por outro: visa um e acerta outro. Não liga corretamente os entes individuais a seu conceito, não os recolhe sob seu universal: a rosa concreta sob a idéia da rosa. Há uma falha de lógica. Jimirulino, por outro lado, errara de outro modo – não fizera a distinção entre sensível e inteligível, tomando-se, a si mesmo, por uma idéia: também visara uma coisa e acertara em outra. Fora contra a ordem aparente do patrão e acertara em sua ordem escondida.

Mas, como se recorda, Guimarães Rosa prefere Protágoras a Platão, no que se refere ao ser e ao não-ser.

É no **Eutidemo**, que Platão traz à baila a concepção do erro, exposta por Protágoras. Sócrates relata como Dionisodoro prova a Ctesipo que a contradição não existe, pois, como só se pode pensar ou dizer o que existe (alusão a Parmênides), cada um daqueles envolvidos numa suposta contradição estaria falando sobre coisas diferentes e não sobre a mesma coisa, donde não haveria, em suas palavras, uma verdadeira contradição:

Diante disso, Ctesipo silenciou; mas eu, admirando-me com o argumento, disse: O que você quer dizer, Dionisodoro? Pois, para falar abertamente, esse argumento, apesar de o ter ouvido de muitas pessoas em ocasiões variadas, nunca deixa de me fazer pensar – você sabe que os seguidores de Protágoras utilizaram-no enormemente, como fizeram outros que o antecederam, mas o argumento sempre me parece ter um modo maravilhoso de perturbar não só outros pontos de vista, mas também ele próprio – e acredito que aprenderei melhor a verdade sobre ele por seu intermédio do que por meio de

qualquer outro. Não existe algo como falar o falso – é esta a substância de sua afirmação, não é? Ou fala-se e, assim, fala-se a verdade, ou não se fala. Ele concordou. (Eutidemo, 286 BCD).

O argumento, segundo o qual não se pode dizer o que não é, ou dizer algo errado sobre uma coisa, baseia-se na confusão entre ser e existência, propiciada pela linguagem. Pode-se dizer o que é, sem que essa coisa, que tem ser, exista. O Doutor Mimoso falara de um homem fiel e valente, sem que isso, necessariamente, implicasse em sua existência. Utilizara a ambigüidade da linguagem para obter o que desejava. O erro de Jimirulino fora o de confundir, como Dionisodoro (e este o fazia como bom sofista), o ser e a existência, as idéias e os seres individuais. Fora o de não distinguir entre eles. Nesse caso, Jimurulino pensara o que é – a idéia do homem fiel e valente –, mas que não existe forçosamente naquele momento. De uma certa maneira, pensara, como quer Protágoras, nada. Ao dar existência a esse nada, a esse quase-nada – tutaméia –, a essa idéia, ao encarnar a idéia do homem fiel e valente, errara. Misturara o reino das idéias, do inteligível, com o reino dos entes, do sensível. O homem fiel e valente não era ele, nem sua atitude. Fidelidade e valentia eram outra coisa – eram idéias. Eram idéias que teriam que passar à prática por uma ação, fruto de uma reflexão e uma deliberação retas – por uma *sofrosyne*² –, como convém a idéias e ao âmbito do inteligível. Mas também acertara: acertara com a intenção velada do Doutor Mimoso. Errara e não errara. Enganara-se e não se enganara. Pareceria que o erro existe e não existe, ao mesmo tempo. Tanto a teoria de Protágoras, quanto aquela de Platão teriam uma medida de verdade.³

Jimirulino, “anônimo de família” (p. 179), procurando uma identidade, um ideal-do-eu, de excelência, que substituísse o triste ideal que lhe era apresentado pelo pai bêbado (p. 177), procurando copiar o Doutor Mimoso – que, para ele, encarnava a virtude (*arete*) –, deixara-se levar pelo poder órfico das palavras deste último, sem tempo para raciocinar. Para Platão, como nota Segal (1989, p. 17), o discurso órfico pode persuadir mas não é capaz de alcançar a verdade: “Como um precursor dos sofistas, Orfeu pertence ao reino da *doxa*, opinião baseada na evidência dos sentidos, e não da *episteme*, conhecimento da realidade por intermédio do intelecto”. O Doutor Mimoso é, ao que tudo indica, um sofista.

² Na *Ética a Nicômaco*, Aristóteles define a *sofrosyne*: “E isto também dá conta da palavra Temperança (*sofrosyne*), que significa ‘preservando a prudência’ (...) Segue-se que a Prudência (*fronesis*) é uma atividade racional que alcança a verdade e que se refere à ação relacionada com coisas que são boas para os seres humanos” (VI, v, 5-6). A *Ética a Nicômaco* constava da biblioteca de Guimarães Rosa. (Sperber, 1976, p. 161)

³ Sextus Empiricus, em seu *Adversus Mathematicos*, vii, 60, diz: “Alguns também incluíram Protágoras de Abdera entre aqueles filósofos que aboliram o critério, já que afirma que todas as impressões sensíveis e opiniões são verdadeiras e que a verdade é uma coisa relativa, já que tudo, que aparece para alguém ou é objeto da opinião de alguém, é, imediatamente, real em relação a este alguém. Certamente, no início de seu livro *Argumentos que derrubam*, proclamou que ‘De todas as coisas a medida é o homem, daquelas que existem e de sua existência e daquelas que não existem e de sua não-existência’”. Sextus Empiricus assinala que é impossível negar esta afirmação: no momento em que alguém a nega, a confirma, pois quem faz a negação é um homem e seria, neste caso, um homem o critério da negação. Platão cita o fragmento acima no *Teeteto*, 152 A

É no **Sofista** que Platão expõe sua própria concepção do erro.⁴ Ao contrário de Protágoras, o Estrangeiro demonstra a Teeteto que o não-ser tem uma espécie de ser: é a diferença. Se não houvesse diferença no mundo, se tudo fosse absolutamente o mesmo (ser) ou, ao contrário, se tudo fosse absolutamente outro (não-ser), nada poderia ser dito. O não-ser é relativo: é a diferença entre uma coisa e outra. Uma pessoa loura não é morena, por exemplo. Uma rosa não é um cravo, como vimos. Assim, se o não-ser não se misturasse ao ser, se não tivesse uma espécie de ser, não haveria possibilidade de discurso.

Estrangeiro: Concluimos que o não-ser era uma das classes do ser, permeando todo ser (...)

Se (o não-ser) não se mistura com elas (as palavras), a conclusão necessária é que todas as coisas são verdadeiras, mas, se mistura-se, então opinião falsa e discurso falso vêm a ser; pois, pensar ou dizer o que não é – isto é, suponho, o falso que surge na mente ou nas palavras.

Teeteto: Assim é.

Estrangeiro: Mas se o falso existe, o engano existe.

Teeteto: Sim.

Estrangeiro: E se o engano existe, todas as coisas estão cheias de imagens e semelhanças e fantasias.

Teeteto: Naturalmente.

Estrangeiro: Mas tínhamos dito que o sofista tinha se refugiado nessa região e tinha negado absolutamente a existência do falso: pois dizia que o não-ser não podia ser concebido nem dito, já que não participava, de modo algum, do ser.

Teeteto: Sim, foi assim.

Estrangeiro: Mas, agora, concluimos que o não-ser participa do ser e, assim, talvez, o sofista não continuaria sua luta nessa direção (...) (260 BCD)

Tendo concluído que o falso e o engano existem, o Estrangeiro afirma que é possível, assim, dizer coisas que não existem como se existissem: que é possível imitar (*mimesis*) a realidade. Esta imitação pode ser feita com conhecimento (*met' epistemes istorikēn tina minesin*) ou sem um conhecimento verdadeiro, mas com base somente numa opinião (*meta doxes mimesin doxomimetikēn*) (267 DE):

Estrangeiro: Mas, que dizer da figura da justiça e, em suma, da virtude em geral? Não é verdade que há muitos que não têm conhecimento dela, mas somente uma espécie de opinião, e que tentam com a maior ânsia fazer com que exista neles aquilo que pensam ser a virtude, ao imitá-la em seus atos e palavras da melhor maneira que podem? (267 C)

⁴ A propósito da concepção platônica do ser e do não-ser, como surge no **Sofista**, e que, aqui, parece delimitar o campo da indagação de Guimarães Rosa, é útil a leitura do curso dado por Martin Heidegger na Universidade de Marburg, durante o semestre de inverno 1924-25, sobre o mencionado diálogo (*Plato's Sophist*, Indiana University Press, Bloomington and Indianapolis, 1997).

Aparentemente, o Doutor Mimoso era um dos imitadores da virtude⁵ – da justiça, da bondade e da inteligência –, sem, na verdade, a deter, mas passando aos outros, conscientemente, uma imagem dela que os levam a confundi-la com a realidade: pensam que estão diante da verdadeira virtude quando deparam uma mera imitação, uma mera aparência de virtude.

Jimirulino, por outro lado, imitava baseado em opinião (*doxa*), tentando “com a maior ânsia” fazer com que existisse nele aquilo que pensava ser a virtude, ao imitá-la em seus atos e palavras da melhor maneira que podia.

Assim, para Platão, além do não-ser implicado na diferença, há ainda, o não-ser da imitação da verdade, da *mimesis*. O perigo da aparência falsa – do sofista – é o que preocupa Platão em grande parte de seus diálogos.

Após anos de prisão, aprendido “prático o desfeito da vida” (p. 177), isto é, aprendida a existência do não-ser e adquirido, então, o gosto pela “segunda meta-de”, pelo pensamento, pela negação, pela abstração, pela *episteme*, Jimirulino espera tornar-se seu próprio patrão, espera comandar a si mesmo, ao fazer as distinções corretas, ao reconhecer as diferenças, ao copiar, com conhecimento de causa, a imagem que lhe fora proposta falsamente, nas palavras do patrão. Espera saber, como o Doutor Mimoso, utilizar a linguagem, conhecendo suas ambigüidades e não mais ser dominado por elas, por ignorância, por falta de discriminação, por falta de reconhecer o não-ser, a diferença, e a possibilidade de imitação que a linguagem encerra. Espera poder interpretar constante e corretamente e, assim, ironicamente, “trabalhar para o Doutor Mimoso” (p. 179), isto é, exercer o mesmo ofício que o dele – o de sofista. Jimirulino quer errar, sabendo a verdade.

Todo o conto, com efeito, está banhado numa atmosfera de ambigüidade; de possibilidade sempre presente de sofisma, introduzida pela linguagem humana.

O próprio título do conto – “Uai, eu?” – é ambíguo e poderia ser uma exclamação do Doutor Mimoso ou de Jimirulino. Diante de uma afirmação de Jimirulino de que matara por instigação do patrão, este exclamaria: “Uai, eu?” E diante da frase do patrão, segundo a qual os meliantes topariam, um dia, algum homem fiel e valente, Jimirulino teria pensado: “Uai, eu?”

Mas, como vimos, ao mencionar Platão, Guimarães Rosa refere-se à **Ética a Nicômaco**: “sejamos amigos de Platão, mas ainda mais amigos da verdade”.

Na verdade, Aristóteles critica, aqui – e, agora, podemos delimitar mais precisamente o alvo de sua crítica –, a noção do não-ser como diferença, que a teoria das idéias em Platão implica. O Bem, para este último, como se sabe, é o Ser verdadeiro, subsistindo em si, em sua plenitude, e reúne em si a totalidade dos seres diferentes: é a unidade dos muitos, o um em que se articulam as diferenças. Para Aristóteles, por outro lado, o Bem é o ser em ato, resultado do desenvolvimento pleno da-

⁵ O nome *Mimoso* poderia vir de *mimo*, delicadeza, gentileza, afabilidade; mas poderia, também, vir de *mimo*, ator que representava nas farsas do teatro greco-romano. Poderia indicar esta imitação – *mimesis* – da realidade. O próprio nome do Doutor Mimoso é, assim, ambíguo também.

quilo que estava em potência. O não-ser da potência não é aquele da diferença. O não-ser da potência destina-se a ser superado no ser em ato. As diferenças, para Platão, não são superadas, mas sim articuladas na idéia do Bem. A potência, para Aristóteles, deixa de ser, desaparece, no ser em ato, na realização das suas potencialidades, o que constitui o Bem. Hans-Georg Gadamer, em seu ensaio **Amicus Plato Magis Amica Veritas** (1980, p. 194-218), atribui essa diversidade de visão sobre o Bem a uma abordagem do problema pelo lado da matemática, por parte de Platão, e da física, da natureza (*fysis*), do movimento, por parte de Aristóteles.

Jimirulino, aparentemente, a partir de uma perspectiva aristotélica, espera poder atingir seu ser pleno: realizar as potencialidades de seu ser humano, o que lhe permite atingir o Bem, a Inteligência e a Justiça: “Inda hei porém de ser inteligente, bom e justo” (p. 179). Por outro lado, de um ponto de vista platônico, espera copiar (*mimesis*) em si, encarnar, concretizar a idéia do Bem: “meu patrão por cópia de imagem” (p. 179). Finalmente, de um ponto de vista sofístico, espera imitar (*mimesis*) a verdade, o Bem, trabalhando “para o Doutor Mimoso” (p. 179), imitando-o, como um mimo. Neste último caso, erige-se na medida das coisas que existem e das que não existem, como declara Protágoras. “Inda hei porém de ser inteligente, bom e justo: meu patrão por cópia de imagem. Hei de trabalhar para o Doutor Mimoso”. (p. 179)

Assim, ao que parece, Guimarães Rosa, Jimirulino, seu interlocutor e o leitor percorreram, no correr do conto, várias trilhas na busca da verdade: o caminho dos sofistas, de Platão, de Aristóteles. Seu interlocutor, o advogado, deverá, ainda, praticar a hermenêutica, deverá interpretar bem a lei, universal para todos, para concretizá-la na aplicação ao caso particular de Jimirulino. Terá que ter presente a jurisprudência – a prudência (*fronesis*) em matéria legal.

Guimarães Rosa, afastando-se do campo da razão abstrata, da pura intelectualidade da matemática, aproxima-se de outro, mais ligado à vida, à natureza, à *fysis*, ao desenvolvimento vital de potencialidades e à ambigüidade das situações reais e da linguagem humana, em que esta é a medida de todas as coisas: “aqui, porém, sejamos amigos de Platão, mas ainda mais amigos da verdade; pela qual, aliás, diga-se, luta-se ainda e muito, no pensamento grego”. (p. 8)

ABSTRACT

The aim of the present essay is to determine, by following allusions to Plato found in the first preface and in the short stories of **Tutaméia**, the way the philosopher's thought was received, criticised and transformed by Guimarães Rosa.

It is established that Guimarães Rosa criticises precisely the central core of Platonism, that is, his theory of the ideas – as it is presented mythically in the Myth of the Cavern, in book VII of **The Republic** – and its derivation, the platonic understanding of being and not-being. This understanding leads, on the other hand, to the question of truth and error, of reality and falsity. Guimarães Rosa bases his criticism on Protagoras, the V century BC sophist, and on Aristotle, a disciple of Plato's, for more than twenty years. The essay examines thus Protagoras' theory of error and falsity as it is reproduced in Plato's dialogue **Euthydemus**, and revises the same theme in Plato himself, as it is treated in his dialogue **The Sophist**. The essay takes also into account Aristotle's criticism of the theory of the ideas, especially as it is stated in his **Nicomachean Ethics**.

Referências bibliográficas

- ARISTÓTELES. *Nicomachean ethics*. London: Heinemann.
- DIELS & KRANZ. *Die fragmente der vorsokratiker*. Dublin: Weidmann, 1968.
- GADAMER, Hans-Georg. *Dialogue and dialectic: eight hermeutical studies on Plato*. New Haven: Yale University Press, 1980.
- GADAMER, Hans-Georg. *The idea of the good in Platonic-Aristotelian philosophy*. New Haven: Yale University Press, 1986.
- HEIDEGGER, Martin. *Plato's sophist*. Bloomington: University of Indiana Press, 1997.
- PLATÃO. *Euthydemus*. London: Heinemann, 1967.
- PLATÃO. *Phaedo*. London: Heinemann, 1966.
- PLATÃO. *Republic*. London: Heinemann, 1963.
- PLATÃO. *Theaetetus*. London: Heinemann, 1967.
- ROSA, João Guimarães. *Correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1981.
- ROSA, João Guimarães. *Tutaméia*. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olímpio, 1968.
- SEGAL, Charles. *Orpheus: the myth of the poet*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1989.
- SEXTUS empiricus. London: Heinemann, 1967. v. 2.
- SPERBER, Suzi Frankl. *Caos e cosmos: leitura de Guimarães Rosa*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.